

TENDÊNCIA IDEOLÓGICA DO CHEFE DE ESTADO E A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: UM ESTUDO DA ERA VARGAS

Yan Brayan Alves de Oliveira- Una¹; Vitor Silva Alves- Una²; Pedro Henrique de Oliveira Souza- Una³ Rafaela Resende Sanches (Dra.)⁴

RESUMO

Como a ideologia de um chefe de Estado influencia a política externa brasileira? Este estudo tem como objetivo analisar os impactos das tendências ideológicas de Getúlio Vargas na condução das relações internacionais do Brasil entre 1930 e 1945. A hipótese principal sugere que a ideologia do governante é determinante na definição de alianças, estratégias e prioridades diplomáticas, mas interage com fatores estruturais e conjunturais. A metodologia adotada inclui uma abordagem qualitativa, com análise bibliográfica de estudos sobre o período e uso de documentos históricos. Os resultados apontam que o pragmatismo de Vargas foi guiado por um nacionalismo flexível, permitindo alianças oportunistas com potências opostas, como Alemanha e Estados Unidos, culminando em benefícios econômicos e industriais. As implicações do estudo reforçam a relevância da ideologia na política externa e contribuem para compreender como as decisões de líderes moldam o papel internacional do Brasil em contextos desafiadores.

PALAVRAS-CHAVE: Vargas, Política Externa, ideologia.

INTRODUÇÃO

Segundo Bobbio (1995), a ideologia é um conjunto de crenças e valores que moldam a ação política, impactando a forma como líderes interpretam problemas sociais e o desenvolvimento de soluções. O chefe de Estado desempenha um papel crucial no avanço das políticas internas e externas de acordo com sua parcialidade ideológica, especialmente no âmbito da Política Externa. Prioridade em determinados alinhamentos internacionais e estratégias diversas nascem da visão de mundo, convicções pessoais, valores e percepções do governante. Essa dinâmica destaca a figura mediadora de pressões internas e externas, utilizando a Política Externa como ferramenta para consolidação de vieses e interesses específicos no momento, sendo um aspecto vital nas diretrizes tomadas durante a Era Vargas.

Considerando isso, o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) representa um marco na história da política externa brasileira, adotando uma postura de pragmatismo e nacionalismo e moldando as relações internacionais do país em um período de tensões globais pela crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Diante disso, este trabalho apresenta a seguinte pergunta basilar: como a ideologia de um chefe de Estado influencia a política externa brasileira?. Tendo como hipótese a noção de que a ideologia do governante define suas estratégias e alinhamentos, mas também depende de outros fatores estruturais dos cenários. O objetivo geral deste trabalho é analisar o governo Vargas e a ideologia do chefe de Estado para compreender a relação entre ideologia e política externa brasileira.

MÉTODO

Foram utilizados neste trabalho científico o método qualitativo, que consiste na coleta de dados não numéricos para descrever e analisar fenômenos. A pesquisa se concentrou no estudo de caso do episódio particular do governo Vargas (1930-1945) através de pesquisa bibliográfica de estudos anteriores e documentos impressos, como livros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1- COMO A IDEOLOGIA DE UM CHEFE DE ESTADO PODE INFLUENCIAR AS ALIANÇAS INTERNACIONAIS DE UM PAÍS?

A ideologia política do chefe de Estado sempre determina uma certa influência na Política Externa Brasileira (PEB), afetando suas alianças, negociações e parcerias econômicas. Governantes mais à esquerda no Brasil costumam priorizar uma política externa independente, que busca afirmar a soberania nacional e valorizar as parcerias com países em desenvolvimento. Já os conservadores podem buscar fortalecer os laços com economias centrais para uma maior abertura econômica.

O governo Vargas ilustra como as prioridades podem oscilar entre buscar investimentos do bloco dominante ou alinhar-se ideologicamente. Cervo e Bueno (2002) observam que governos mais autônomos fortalecem o país em organismos multilaterais, enquanto líderes alinhados preferem acordos bilaterais. Getúlio exemplificou isso ao relutar no início da guerra e negociar a criação da CSN em troca de apoio aos Aliados.

Segundo Amorim Neto (2011), presidentes progressistas abordam temas como inclusão social e Direitos Humanos de forma ampla, enquanto líderes conservadores priorizam o pragmatismo econômico. Getúlio, conhecido como “pai dos pobres”, não se preocupou com questões de Direitos Humanos no cenário global, sendo responsável por várias perseguições políticas.

Embora a ideologia seja importante, a política externa brasileira é influenciada por fatores estruturais e conjunturais, como pressões do Congresso, interesses privados e questões geopolíticas. A ideologia define o tom inicial, mas o caso estudado foi principalmente moldado pelas pressões americanas, a proximidade geográfica com os Aliados e a insatisfação popular pelos ataques sofridos (MOURA, 2012).

2- PRINCIPAIS ASPECTOS IDEOLÓGICOS QUE CARACTERIZAM O GOVERNO VARGAS E COMO ELAS MOLDARAM SUA VISÃO DE POLÍTICA EXTERNA

Os principais aspectos ideológicos do Brasil na Era Vargas foram o populismo, o desenvolvimentismo e o nacionalismo. O populismo, influenciado pela onda latino- americana da época, se conectou ao nacionalismo, com um discurso de união das massas e preferência pelo que era nacional. O nacionalismo se traduziu em políticas econômicas que buscavam fortalecer o Estado e reduzir a dependência internacional (PINHEIRO, 2004).

A visão nacionalista de autossuficiência e independência econômica impulsionou o desenvolvimentismo, com o Estado regulando e incentivando a economia para acelerar a industrialização. Isso levou à busca de parcerias para sustentar o desenvolvimento a longo prazo. Segundo Cervo e Bueno (2002), o pragmatismo de Vargas refletia essa ideologia, priorizando interesses econômicos e a segurança do Brasil por meio de um Estado forte e populista.

O anticomunismo foi um aspecto central da ideologia varguista. Durante o Estado Novo, Vargas adotou uma postura firme contra o comunismo, ganhando apoio de governos fascistas da Europa, como Alemanha e Itália. Isso ajudou na aproximação com a Alemanha, já que Hitler trocava cartas com Vargas e o partido nazista no Brasil existiu de 1928 a 1938, até a proibição de propaganda estrangeira.

Contudo, o pragmatismo característico da política externa de Vargas o levou a ajustar suas alianças conforme as circunstâncias internacionais. Com a intensificação da Segunda Guerra Mundial, Vargas abandonou as relações com os países do Eixo e aproximou-se dos

Estados Unidos, um movimento que reforça a flexibilidade de sua ideologia. O nacionalismo varguista, portanto, era maleável o suficiente para priorizar a segurança e os interesses do Brasil, mesmo que isso significasse alianças com países ideologicamente opostos.

3- A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA DURANTE O PERÍODO VARGAS: ALINHAMENTOS E DIVERGÊNCIAS COM AS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS

Entre 1930 e 1945 as tensões na Europa e no mundo atingiram mais um ápice por conta da ascensão de regimes autoritários, a Grande Depressão em 1929 e o começo dos conflitos dos países com a Alemanha, que se desenrolava nos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. É nesse contexto que o governo de Getúlio Vargas se inicia, em um momento decisivo da Política Externa Brasileira (MOURA, 2012)..

Entre 1930 e 1934, o governo provisório enfrentou a crise de 1929 seguindo a tendência global de diversificar economias e substituir importações. O Brasil fortaleceu sua indústria interna e buscou reduzir a dependência de países industrializados. A PEB foi crucial na busca por parcerias diversificadas que investissem no país e em sua infraestrutura, direcionando o foco econômico do governo provisório e de toda a Era Vargas.

Vargas adotou a “equidistância pragmática” (CERVO; BUENO, 2002), buscando equilibrar relações entre blocos de poder rivais. Essa estratégia permitiu explorar novos mercados sem se vincular a um único bloco. Moura (2012) destaca que Vargas aproveitou a rivalidade entre as potências para obter concessões que fortaleceram a economia e impulsionaram a industrialização, como nas negociações que levaram à criação da CSN. A partir de 1941, com a entrada dos EUA na guerra, aumentou a pressão sobre os países latino-americanos para romperem com o Eixo. Vargas cedeu à tendência das potências, abandonando parte do pragmatismo. Pinheiro (2004) interpreta isso como uma resposta à necessidade de apoio militar e financeiro dos EUA, que investiram estrategicamente no Brasil, como na criação da CSN. Essa aliança com os Aliados reflete o equilíbrio da PEB de

Vargas entre interesses nacionais e tendências globais, em um cenário de blocos em formação devido à guerra. Em 1942, finalmente o Brasil declarou apoio aos Aliados, formando a FEB e enviando tropas à Europa, garantindo vantagens econômicas, mas limitando sua autonomia ao se alinhar explicitamente.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a ideologia do chefe de Estado exerce influência significativa sobre a política externa brasileira, direcionando escolhas estratégicas de alianças e prioridades diplomáticas. No caso de Getúlio Vargas, o nacionalismo pragmático se revelou central para equilibrar os interesses nacionais e as pressões internacionais, especialmente em um período de tensões globais como a Segunda Guerra Mundial. A análise do governo Vargas demonstra que, embora fatores externos e estruturais sejam determinantes, a visão ideológica do líder é um elemento crucial na definição do papel do Brasil no cenário internacional. Essa compreensão contribui para os estudos de política externa ao evidenciar a interação entre convicções ideológicas e pragmatismo no processo decisório.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, N.; MARCO AURÉLIO NOGUEIRA. *Direita e esquerda : razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2002.

GERSON MOURA. Relações exteriores do Brasil, 1939-1950 : mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: Fundação Alexandre De Gusmão, 2012.

LETICIA ABREU PINHEIRO. Política externa brasileira. [s.l.] Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2004.

AMORIM NETO, Octavio. De Dutra a Lula: a condução e os determinantes da política externa brasileira. São Paulo: Elsevier, 2011.